

Ginásio funciona sem condições mínimas

Jorge Vasconcelos

Quem comanda o calendário de aulas do Ginásio da Asa Norte (GAN), 603 Norte, é o sol. Verdade. Sem energia desde o dia 4 do mês passado, devido a um curto-circuito que provocou até um início de incêndio, o GAN está incapacitado de ministrar aulas no período noturno. Como se não bastasse este problema, as salas de aulas estão com vazamentos, não há bebedouros e nem banheiros suficientes para os alunos.

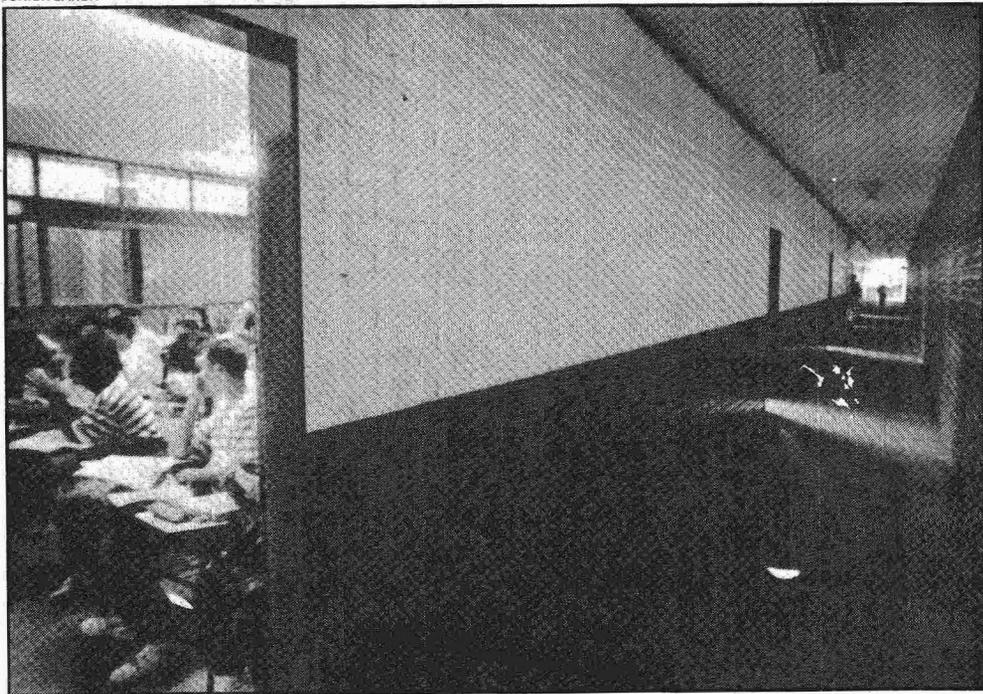
O GAN não passa por reformas há mais de dez anos. Nesse período foram se acumulando rachaduras nas paredes das salas de aula e incessantes goteiras em tempos de chuvas, sem contar com o cheiro de mofo que toma conta do lugar. A passividade da Fundação Educacional em reverter esse quadro deixou que parte do Ginásio fosse tomado por chamas durante o curto-circuito do dia 4 de fevereiro passado, o que poderia pôr em risco a vida de alunos que porventura estivessem naqueles arredores.

Barrados na aula — As aulas no GAN deveriam recomeçar no dia 25 do mesmo mês. Nessa data, os alunos cumpriram o calendário e foram barrados pelo aviso de que seriam distribuídos por alguns estabelecimentos de ensino do Plano Piloto, incluindo a Universidade de Brasília (UnB).

Os pais não aceitaram a UnB como alternativa, alegando que seus filhos correriam riscos ao trilhar pelo matagal a caminho da universidade. A direção do GAN decidiu, então, reformular a distribuição. Ficou acertado que nas escolas-classe das quadras 403 e 409 Norte seriam ministradas aulas para o curso noturno e que no dia 4 de março, em caráter precário, o próprio GAN atenderia todas as séries no período da tarde.

Fila no banheiro — As aulas começa-

JUNIOR BARON



No GAN, as aulas são dadas com a luz do dia. O sistema elétrico está em pane

ram no Ginásio, num cenário que não condiz com uma cidade que é conhecida como uma das mais modernas do mundo e agraciada pela Unesco como Patrimônio Histórico da Humanidade. Os alunos esquivam-se das goteiras, em tempo de chuva, e fazem fila em frente aos poucos banheiros, antes destinados ao uso exclusivo dos professores. Lá, eles são recebidos pelo cheiro típico dos banheiros da Rodoviária do Plano Piloto e por vasos entupidos e transbordando.

Quando a sede aperta, os alunos correm ao comércio local, devido à falta de bebedouros no GAN. “Somando as ausências frequentes dos alunos que vão beber água fora da escola com a redução da carga horária causada pelo pôr-do-sol, este ano letivo tem tudo para ser um dos piores que o GAN já teve em sua

história”, observa Lúcia Santis, da comissão de pais que tentam reverter o quadro do GAN.

Lúcia conta que de uns dois anos para cá, sem sucesso, os pais vêm pedindo à diretoria do colégio o início de reformas em toda a estrutura e sempre recebem a resposta de que “em breve esses problemas serão sanados”. Ela destacou que os primeiros sinais de que algo será feito em prol da escola foram sentidos depois do curto-circuito do mês passado. Lúcia, ao lado de mais nove pais de alunos, está em contato quase diário com a diretoria do GAN, na tentativa de forçar a Fundação Educacional a tomar alguma providência, antes que o prédio desmonte ou dezenas de alunos sejam acometidos por doenças provenientes das péssimas condições sanitárias.